

Sonolência cósmica

Lá vai o barco, abandonado, pelo mar alto.
A água é negra, o céu é negro, cor de basalto.
Nas suas tábuas onde assobiam gritos de vento,
nem uma sombra, nem um gemido, nem um lamento.
Tudo silêncio, tudo tristeza, tudo mistério.
Caixão aberto de uma criança num cemitério.

As esferas, nos espaços,
rolam nuns certos sentidos.
As sombras guardam abraços,
os leitos guardam gemidos.

Os filhos riem nos colos,
acolchoados presepes.
Há gargalhadas nos pólos,
nos montes e nas estepes.

Macias como veludos,
lácteas gargantas de fêmea,
soltam risos pontiagudos
como cristais da Boémia.

Parou o mar. Aquietou-se, fibra por fibra,
e veio o Sol, redondo e loiro como uma libra.
As ondas bravas, guerreiros cegos quebrando lanças,
a pouco e pouco foram ficando verdes e mansas.
Lá vai o barco, serenamente, pelo mar alto.
O céu é róseo, cor dos rosados sais de cobalto.

POESIAS COMPLETAS : 1956 / ANTÓNIO GEDEÃO

AUTOR(ES): Gedeão, António, pseud.

EDIÇÃO: 9a ed

PUBLICAÇÃO: Lisboa : Sá da Costa, 1983